



RACISMO, SAÚDE MENTAL E TERRITÓRIO: DESAFIOS POLÍTICOS E EPISTEMOLÓGICOS NA CLÍNICA AMPLIADA

**RACISM, MENTAL HEALTH AND TERRITORY: POLITICAL AND
EPISTEMOLOGICAL CHALLENGES IN THE EXTENDED CLINIC**

**ACISME, SANTÉ MENTALE ET TERRITOIRE: LES DÉFIS POLITIQUES ET
ÉPISTÉMOLOGIQUES DANS LA CLINIQUE PROLONGÉE**

**RACISMO, SALUD MENTAL Y TERRITORIO: DESAFÍOS POLÍTICOS Y
EPISTEMOLÓGICOS EN LA CLÍNICA AMPLIADA**

Regina Marques de Souza Oliveira¹

Maria da Conceição Nascimento²

DEDICATÓRIA

*... àquelas que atravessam os tempos, do início do século vinte ao despontar do
século vinte e um. Àquelas que atravessam os tempos e não morrem; mesmo no
limite físico de suas vidas, na extinção de seus corpos. Filhas carnavais da
diáspora negra, elas rompem e ultrapassam fronteiras. Signo e sina inevitável
dos que são à ela pertencentes...*

*Para Virgínia Bicudo (1910 - 2003) e Neusa Santos Souza (1948 - 2008),
psicanalistas, mulheres e negras. A vida e o trabalho não foram em vão...*

*Para o Brasil,
Todo Negro
No Rio de Janeiro...
Território sob intervenção.
Cidade escura: Luz que sempre brilha...
Céu Negro, Morro cheio de Estrelas...
O Brasil...
Nenhuma Estrela NUNCA pode ser exterminada!
Não nos esqueçamos. Jamais esqueceremos!
Corpos negros violados...
Genocídios...
Todos negros, no Brasil.
(Marielle brilha e reluz nos morros, favelas e periferias: diásporas
negras em extermínio pelo mundo...)
Com estas três homenagens às mulheres negras,
(que a sociedade quer e deseja invisibilizadas, mudas e aprisionadas),*

¹ Psicanalista. Psicóloga. Psicoterapeuta pelo Instituto de Estudos e Orientação da Família (INEF/SP). Pós-doutorado com a pesquisa Violência e Território: Saúde Mental da População Negra do Brasil e da Diáspora Africana, Professora Convidada pelo Instituto dos Mundos Africanos na Escola de Altos Estudos em ciências sociais em Paris por Elikia M'Bokolo (financiamento CAPES, 2016). Mestre e Doutora em Psicologia Social (PUC/SP). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e no Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade na Universidade do Sudoeste da Bahia.

² Maria da Conceição Nascimento – Psicóloga Clínica. Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Federal Fluminense/UFF. Organoterapeuta pelo Centro Reichiano de Estudos Terapêuticos, REDE, Brasil. Especialista em Raça, Etnias e Educação no Brasil



Ogum nos abrirá novos caminhos.
Nos resgatará, uma vez mais, da guerra...
Triste guerra e violenta guerra...
Que venceremos, superando com amor (mamãe Oxum nos segue) toda
batalha de todo dia!
- Eri Yéyé ó!!!³
- Ogunhê! Etaogundá (Irê Etaogum)⁴

O Dossiê Temático *Racismo, Saúde Mental e Território: desafios políticos e epistemológicos na clínica ampliada*, representa um documento importante para a pesquisa sobre o negro no Brasil e principalmente para a psicologia, a psicologia clínica e psicanálise brasileira.

O nome do Dossiê representa a diversidade de temas que os estudos em saúde da população negra e relações étnico raciais dialogados com a psicologia, psicologia clínica e psicanálise promovem quando há preocupação em abarcar as necessidades emergentes das políticas públicas voltadas para a população brasileira em seu conjunto majoritário.

O movimento negro foi emblemático na luta por direitos comuns de todos os cidadãos do Brasil. Ao lutar pelo combate às desigualdades e racismos contra o negro, o produto da vitória foi extensível a todos: negros, indígenas e brancos pobres.

A política de cotas sociais para o ensino superior, aceitas pela sociedade brasileira antes das cotas raciais e a lei 11.645/08, promulgada após cinco anos da lei 10.639/03, são exemplos de como o movimento social negro é importante e fundamental para a sociedade e população brasileira em todo o seu conjunto.

³ Saudação à Deusa do Amor e da maternidade, mensageira de Oxalá, a Orixá Oxum de matriz negro africana. Pertencente ao Panteão civilizatório negro africano. Similiar a Afrodite ou Vênus de Millus (Mensageira de Zeus), pertencentes ao Panteão civilizatório greco-romano. As inscrições da galeria do Museu do Louvre onde a escultura da Vênus se encontra informam em detalhes as significações da Vênus e as relações com os símbolos correspondetes a Deusa Oxum que aqui estabelecemos conforme nossas interpretações de leituras e estudos de antropólogos brasileiros e estrangeiros e ensinamentos de sacerdotes de religiões de matriz africana.

⁴ Saudação ao Deus Orixá Guerreiro Ogun de matriz negro africana. Pertencente ao Panteão civilizatório negro africano. Ogun, detentor da tecnologia, ele abre caminhos para o desenvolvimento da civilização humana. Promove os meios necessários para enfrentar o que virá. Garante força diante de situações desagradáveis. O preceito Etaogundá (Irêtaogum) recomenda não agir com impulsos de maldade, mas com sabedoria e muita cautela. Pode ser associado a Júpiter, deus da guerra, e do universo, no Panteão civilizatório greco-romano.



As políticas de saúde do SUS – Sistema Único de Saúde, e as políticas públicas de desenvolvimento social – SUAS – Sistema Único de Assistência Social, também são produtos da marcha negra sobre o Brasil. Luta de militantes negros de todo o contexto nacional que em diferentes estados estiveram nas ruas clamando por direitos já! Clamando por igualdade social! Clamando pela saúde e educação da população negra!

Quando os governos sobem ao poder, observa-se que o Brasil não pode mais preterir o clamor do povo nas ruas, das mulheres negras nas ruas, dos negros nas ruas. E prudentemente inicia-se a organização de legislações que favorecem o contexto do Brasil. Ou a chacina dos que podem fortemente se rebelar contra o sistema. Como acontece e aconteceu recentemente no Rio de Janeiro.

As principais legislações em saúde, desenvolvimento e educação tem a ver com as lutas do movimento negro brasileiro.

É por esta razão que o dossiê elege a psicologia, a psicanálise na modalidade da clínica ampliada para apresentar os textos. Entre tantas lutas, a psicologia brasileira sempre foi omissa e ausente do debate social. Salvo a timidez da psicologia social que vez por outra aborda letra sobre o tema, os demais campos desta área do conhecimento técnico científico, jamais procuraram estabelecer conexões dialógicas com a população negra brasileira. Conforme registros de Souza (2003) e Oliveira (2008), após 18 anos, a pergunta de Kabengele Munanga à Antonio da Costa Ciampa realizada em 2000 em entrevista publicada na revista ABRAPSO “Qual é a explicação dessa ausência e desse silêncio (de nossa psicologia) sobre um tema que toca a vida de mais de 60 milhões⁵ de brasileiros de ascendência africana? continua displicentemente, e talvez propositalmente, pouco investigada. Esta ausência e silêncio da psicologia no debate social no que tange a população negra não pode mais ser admitido porque os dispositivos sociais de políticas públicas que estão presentes no estado brasileiro do século 21 exigem o trabalho do psicólogo nas equipes de profissionais da saúde, da educação e da assistência social.

Os maiores postos de trabalho para psicólogos brasileiros na atualidade do Brasil é no SUS, nos CAPS – Centro de Atendimento Psicossocial, nos SUAS, através do

⁵ Hoje mais de 100 milhões conforme IBGE 2010.



CRAS – Centro de Referência em Assistência Social, CREAS – Centro de Referência Especializado em Assistência Social, nos programas de Estratégia de Saúde na Família (ESF), nos NASFs (Núcleo de Assistência à Saúde da Família), nos Hospitais Públicos, nos programas de Humanização dos equipamentos públicos e instituições de saúde no âmbito privado, na ainda precária implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Oliveira, 2017, p. 145).

A clínica psicológica no Brasil é componente formativo do exercício e realização dos programas de políticas públicas das instituições nacionais. Portanto, o clamor do movimento negro não pode ser preterido e não escutado.

A psicologia e a psicologia clínica precisam ouvir com maior atenção o sofrimento psíquico do racismo de mais de 100 milhões de pessoas de ascendência africana. A população negra é presente no SUS, no SUAS, nos serviços públicos de saúde e educação pública do Brasil. Como psicólogos brasileiros não dedicam-se a operar pesquisas, reflexões e ações que sejam voltadas para o público majoritário destes equipamentos sociais? (Souza e Oliveira, 2016, p.273).

Como pode o psicólogo brasileiro ser alheio às transformações de nossa sociedade e continuar pensando em uma clínica psicológica longe dos guetos, periferias, cidades segregadas e plenas de desigualdades?

Psicólogos precisam na pesquisa e na ação estarem próximos do coração do povo.

Neste momento crucial dos trâmites políticos de nosso Brasil, a convocação de longa data do movimento negro não pode mais deixar de ser ouvida.

A clínica ampliada é o exercício do trabalho interdisciplinar no processo de saúde-doença que necessariamente abrange a visão expandida – ampliada – do contexto dos sujeitos envolvidos no processo e abordagem do cuidado.

A abordagem do racismo, o trato com o preconceito, o sofrimento psíquico, são componentes densos que precisam ser considerados por todos os profissionais de saúde e educação nas políticas públicas implementadas nos territórios das cidades brasileiras.



Psicólogos negros, pesquisadores negros, e também pesquisadores e psicólogos brancos, não-negros devem ser capazes de eficazmente atuar neste contexto.

Por conta disto, falar e abordar a psicologia nas relações raciais no campo da saúde e da saúde emocional, psíquica, é aprimorar o trabalho interdisciplinar a partir da noção da clínica ampliada, que é o espaço e território das realizações em saúde e dimensões afetivas e emocionais.

Os textos que aqui se apresentam, são materiais importantes para serem utilizados nos grupos de reflexão das equipes de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) e nas equipes de assistência e desenvolvimento social do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Igualmente, os textos aqui reunidos, extrapolam o enquadre do campo da saúde, pois relações raciais, racismo e violências sempre escapam a enquadres técnico profissionais. São temas transversais, interdisciplinares, multidisciplinares e intersetoriais que implicam políticas públicas, de gestão e de estado.

Os textos são reflexivos, densos, comportam vários conceitos interdisciplinares principalmente com a história, as ciências sociais e a antropologia. Mas também com a saúde, com a psicanálise, com a escola e a família. Enfim, servem para pensar e procurar exercer a psicologia no contexto brasileiro e cotidiano de sua população mais da metade negra (entre pardos e pretos).

Em Brasília, no ano de 2014 inicia-se a tentativa de aglutinar as pesquisas e textos que aqui se apresentam, no Encontro de Coordenadores de Cursos de Mestrado, Especialização e Aperfeiçoamento em Relações Étnico Raciais, Educação Escolar Quilombola e Educação Indígena, promovido pela extinta SECADI – Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Naquele ano, junto aos coordenadores de cursos, as discussões eram plenas sobre a importância do conhecimento e da pesquisa de uma psicologia (clínica, escolar, institucional) que se ocupasse das dimensões afetivas do racismo, dos impactos na saúde da população negra e sobretudo na reflexão aprofundada sobre as relações étnicas entre brancos, negros e indígenas no conjunto formativo da população brasileira.

Professora Iolanda Oliveira, presente nestas discussões observou a necessidade de aprofundar estas inscrições no contexto da Universidade Federal Fluminense através



das atividades que coordenava na Faculdade de Educação e neste contexto realizou nossas apresentações pessoais.

Nós duas vivíamos há mais de uma década o desconforto e a solidão do fazer de uma clínica psicológica das relações étnicas e raciais assentada em bases psicanalíticas e sociais.

Ao mesmo tempo, embora viéssemos produzindo em período semelhante ao de alguns outros raros psicólogos e pesquisadores negros precursores do campo da clínica psicológica e psicanalítica das relações étnicas e raciais na academia, como Neusa Santos Souza (1982), José Tiago Reis Filho (1995 e 2005), Izildinha Batista Nogueira (1998), Celso de Moraes Vergne (2002 e 2014), Regina Marques de Souza (2003 e 2008) Maria Aparecida Miranda (2004), Maria da Conceição Nascimento (2005), sentíamos o isolamento dialógico no campo acadêmico e técnico profissional como uma lacuna sempre presente e incômoda. Embora a percepção de que a produção em pesquisa no âmbito da psicologia, psicologia clínica, psicanálise e relações étnicas e raciais tivessem se tornado um pouco mais presente a partir da primeira década do novo século, a partir dos anos 2000 (Oliveira, 2008, p.39).

Ainda assim, o não reconhecimento por nossos pares no interior da psicologia sempre foi difícil no que se refere a admissão de que nosso fazer é importante e fundamental para o campo formativo do psicólogo e da população brasileira; e seguíamos na solidão de buscar no diálogo acadêmico, em nossas produções de mestrado (2003 e 2005) e doutorado (2008), o abrandamento deste mal estar diante do silêncio e do desprezo generalizado que nossos interlocutores no interior da psicologia reservavam aos raros psicólogos e psicólogos clínicos que discorriam sobre relações étnicas-raciais e saúde mental da população negra.

Além de nossas percepções da necessidade de ampliação do debate dos estudos sobre o negro no campo da psicologia e da psicologia clínica, observávamos um chamado e convocação do público “psi” e interdisciplinar (clínica ampliada) para que nós, psicólogas e pesquisadoras negras, trouxéssemos noções que faltavam nos debates que se inscreviam.



Há três anos, depois de nossas conversas durante a IX Mostra de Práticas em Psicologia do CRP/05, no Rio de Janeiro e logo após uma aula do curso de Especialização em Relações Raciais – EREER, a convite da Professora Iolanda Oliveira, da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, situações ocorridas no ano de 2015, tentávamos reunir profissionais da psicologia, principalmente da clínica psicológica, que abraçassem a causa do racismo, das relações raciais e da saúde mental da população negra em suas atividades, reflexões e pesquisas.

Três foram os anos que se passaram sem, contudo, conseguirmos um número expressivo de psicólogos para compor debate e publicação tão necessária.

Havia alguns nomes. Nomes que foram emblemáticos no pensamento da questão, mas que não se dispunham a escrever e a apresentar a tarefa de casa.

Ficamos deveras preocupadas, mas não desistimos. E finalmente, após três anos de articulação, a ABPN – Associação dos Pesquisadores Negros – aceitou a proposta que subscrevemos. E então *peessoas de boa vontade* (lindas e especiais pessoas) dedicaram –se a compor parte da grande lacuna da psicologia clínica na articulação com os estudos sobre relações raciais.

Colocar esse tema na ordem do dia vai, sem dúvida, dar uma resposta à angústia de psicólogos/os e estudantes de psicologia que querem inclusive tratar desse tema em trabalhos acadêmicos. Além de ser reduzido o número de produções nesse campo, é comum se deparar com o ceticismo e/ou espanto dos seus pares frente ao seu objeto de investigação, como se tratasse de algo impensável em nossa realidade. Por vezes há a tentativa de convencê-los de que tal problema não existe ou afeta apenas um determinado grupo. Quase sempre esses são instados a buscarem áreas que seriam as mais adequadas para tratar desse assunto, a História ou a Sociologia. O que é no mínimo contraditório, posto que as práticas “psi” falam constantemente da escuta do outro. Então como seria essa escuta se negarmos ao outro o direito à existência como sujeito histórico, e se não estamos atentos ao sofrimento produzido pelas marcas de uma sociedade segregacionista? O fato é que a psicologia tem negligenciado “o estudo dos aspectos subjetivos envolvidos nos processos identitários, auto-valorativos e no sofrimento psíquico decorrentes das práticas racistas vigentes na sociedade brasileira” (Carta de S. Paulo, 2010).



A presente publicação vem contribuir para o preenchimento dessa lacuna. Entendemos, portanto, ser interessante nos determos em alguns elementos ainda frequentes no cotidiano do fazer da psicologia e da pertinência de cuidar dos agravos à saúde mental da população negra. Um deles é o processo de invisibilidade do tema, o qual se dá de diversas formas, seja não tocando no assunto ou desviando-o, seja buscando explicações outras para práticas e atitudes racistas etc. E o outro é quase um questionamento acerca da pertinência de defender a necessidade da construção de dispositivos teóricos e práticos para o enfrentamento dos agravos à saúde mental da população negra.

De certo modo, essa produção tem como horizonte o preenchimento de uma lacuna no que tange a atenção à saúde integral da população negra, contribuindo para a consolidação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), Port. nº 992/09 do MS, fruto da mobilização do movimento social negro, no qual merece destaque a atuação das mulheres negras.

Com relação à saúde mental da população negra, este trabalho não pretende fixar-se em patologias, classificações ou protocolos de atendimento, mas trazer alguns indicadores sociais que chamam a atenção para as peculiaridades da população negra. Atente-se que só o fato de ser alvo do racismo aumenta a sua vulnerabilidade a começar pela ameaça à própria existência. Dados atuais do IPEA (2010) informam que jovens negros têm 27 mais chances de serem assassinados que jovens brancos.

Entendemos que falar de relações raciais é também problematizar o modo de subjetivação capitalista, produtor e mantenedor de uma ordem social injusta e disseminadora de preconceitos e discriminações (Theodoro, 2008). Por certo é um tema complexo que exige fomentar um diálogo que possa construir uma psicologia que priorize práticas que apontem para a ruptura com a subjetividade dominante, viabilizando o direito à existência de outros modos de sentir e perceber o mundo.

O tema do racismo, juntamente com outras questões do cotidiano como a violência, sexismo, misoginia etc., ocupam pouco ou nenhum espaço na formação dos profissionais da psicologia, conquanto ainda estar centrada no entendimento de um sujeito universal, abstrato, sem conexão com a realidade. Daí que, via de regra, tais



questões muitas vezes são tratadas como temas “invisíveis” em psicologia. As aspas são o indicativo de que queremos problematizar essa invisibilidade.

O invisível é um termo bastante equivocado. A frase do poeta Murilo Mendes traduz perfeitamente a ambiguidade do termo: “*O invisível não é o irreal: é o real que não é visto*”⁶ (Apud Klintowitz, 2010). Não vemos porque não existe ou porque não podemos ou não queremos ver? Por exemplo, não vemos o ultravioleta, porque nosso olho não capta a frequência. Não vemos uma grande soma de dinheiro em nossa conta porque não existe mesmo. O racismo e seus efeitos psicossociais estão aí, sob nossos olhos. No entanto, é continuamente posto em dúvida, com a já clássica resposta, “*não é bem assim*”, ou “*eu vejo mais como uma questão de classe...*” Pensamos que podemos remetê-lo à alternativa da proposição supracitada. Não podemos ver ou não queremos ver talvez porque de tanto ouvir dizer que “*no Brasil, negros e brancos convivem muito bem*” (mito da democracia racial). “*O racismo é tão eficiente no Brasil que o próprio negro fica invisível e nem se vê a si próprio*” (Monteiro, apud Machado e Carvalho, 2004, p. 8). A fala do personagem negro do romance *O Homem invisível*, de Ralf Ellison (1952) sintetiza o que dissemos acima: “*Minha invisibilidade também não é, digamos, o resultado de algum acidente bioquímico da minha epiderme. A invisibilidade à qual me refiro ocorre em função da disposição peculiar dos olhos das pessoas com quem entro em contato...*” (Idem, idem).

As/os psicólogas/os querem dizer que o tema não é visto ou não é tão discutido quanto deveria ser, e que precisamos tomar conhecimento dele. Isso é louvável. Só que, como ensina a própria psicologia, existem múltiplos sentidos no ver, e o que fica muito gritante é a ideia do invisível como irreal.

No processo de invisibilização, há que se atentar não apenas para o sentido de discuti-lo pouco, mas para o que é muito pior: a tentativa de abafar as vozes dissonantes desautorizando-as em nome de uma teoria, como “*raça não é um conceito válido*”. Ou querendo diluir o racismo em meio ao tema das “*diferenças*”. E a psicologia também tem cometido esse equívoco, a começar por fazer acreditar que a simples crítica do

⁶Klintowitz, Jacob. Cesar Romero – A Escritura do Brasil. Extraído em: http://www.sociedadesemear.org.br/?pg=artigos_leitura&setor=&cd_Artigo=120 em 15/11/16.



conceito de raça desconstrói práticas racistas e de que falar em racismo produz racismo! Mais uma vez uma inversão que coloca os que sofrem o racismo no lugar de produtores do racismo.

Basta considerar as diferenças hierarquicamente para se ter racismo, não precisa fundamentar as diferenças em cunho biológico (Hardt, 1996).

É preciso enxergar esse racismo em nós. Esse é o sentido para o invisível que mais nos toca, algo que está tão colado que não enxergamos. Não enxergamos nosso próprio olhar. Não basta ler as teorias críticas e dizer: psicólogas/os não são imunes ao preconceito racial que perpassa a sociedade. E isso é o que a Psicologia mais ou menos ensina. Que precisamos do outro para nos perceber de outra forma. A microfísica dos afetos. Tornar o invisível visível. Denunciar e posicionar-se contra o genocídio psíquico e físico da população negra: agonizante em seu sofrimento.

A luz parece falhar em alguns lugares da cidade, e a razão também. Os trens continuam a levar os trabalhadores negros para seus bairros segregados. Há medo e ódio na fumaça dos fuzis que cortam a escuridão da noite.

De que lado estarão os pensadores, intelectuais e profissionais psi? Poderemos ver no futuro a sua defesa ética do direito de existir das diferenças humanas? Ou teremos, como nos campos nazistas, o silêncio?” (Vergne, 2018).

O desejo de romper com este silêncio mobilizou a produção deste Dossiê. Apresentamos as ideias de alguns profissionais e pesquisadores da psicologia e da psicologia clínica que contribuem para a ampliação do campo da consciência revolucionária – como sempre nos convocou Fanon.

Consciência esta, tão necessária em tempos de caos e declínios de bandeiras éticas e humanas.

Pesquisadores de quatro universidades públicas (UFF – Universidade Federal Fluminense, UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana e USP – Universidade de São Paulo) e setores sociais da Bahia e do Rio de Janeiro ajudaram a realizar esta tarefa pioneira e inaugural no campo da psicologia, da clínica psicológica e psicanalítica.

Agradecemos a ABPN, através da acolhida alegre e tranquila da Professora Nicéia Quintino Amauro e toda sua equipe.



Especial carinho e gratidão as autoras e autores, negras, negros e brancas. Que compuseram a sinfonia de tornar o possível realizável. Do Rio de Janeiro (em primazia: “*Podem dizer o que quiser mais o xodó do povo é o Rio..., casa do samba e do amor, do Redentor, Louvado seja o Rio..*”⁷), da Bahia, terra negra por excelência, e de São Paulo. Provando que nos territórios onde o sofrimento mais impera é preciso a força de tornar as ações (pensamento é também práxis) determináveis.

Saudações e alegrias! Mesmo quando o amanhecer do dia nos é inexato...

Regina Marques de Souza Oliveira e Maria Conceição Nascimento.

Eis as pupilas:

1. *O desejo de ordem e a morte: a produção cotidiana do consentimento genocida no Rio de Janeiro.*

Celso de Moraes Vergne

2. *Frantz Fanon e a psicologia: epistemologias da violência*

Regina Marques de Souza Oliveira

3. *Os que vieram para branquear o Brasil: o moinho de gastar gente e a imigração alemã no século XIX .*

Cristina Mair Barros Rauter

4. *Articulações entre psicanálise e negritude: desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identitários.*

Ana Paula Mussatti Braga

Miriam Debieux Rosa

5. *Considerando a branquitude no plano da clínica em saúde mental: disposição de afetos.*

Adriana Pennatti Maluf

⁷ Fragmento da música *Delírios dos Mortais* de Djavan.



Kátia Aguiar

6. *A clínica e seus desafetos: pactos e omissões nos estudos sobre o negro no Brasil*

Maria da Conceição Nascimento

Regina Marques de Souza Oliveira

7. *Sofrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo*

Juciara Alves dos Santos

8. *Raça e espiritualidade: o pensamento clínico nas práticas da psicologia escolar*

Roberta Maria Federico

9. *A força dos estereótipos: dificuldade para a expressão de outros modos de existência*

Maria da Conceição Nascimento

10. *Corpo, raça e psicologia: repensando o silêncio dos justos*

Adriana Soares Sampaio

11. *Saúde mental da população negra: uma perspectiva não institucional*

Abrahão de Oliveira Santos

12. *A psicologia e relações raciais: sobre apagamentos e visibilidades*

Regina Marques de Souza Oliveira

Maria da Conceição Nascimento

13. *[Resenha] Segregação urbana e saúde da população negra: questões da psicologia*

Reinaldo José de Oliveira



REFERÊNCIAS

- Carta de São Paulo – Documento final do *I Encontro Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadores de Relações Interraciais e Subjetividade – I PSINEP*, Instituto de Psicologia Social da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo/SP, 2010.
- HARDT, M. A Sociedade mundial de controle. In Alliez, E. Gilles *Desleuze: uima vida filosófica*. São Paulo: Ed 34, 2000.
- KLINTOWITZ, Jacob. *Cesar Romero – A Escritura do Brasil*. Disponível em: http://www.sociedadesemear.org.br/?pg=artigos_leitura&setor=&cd_Artigo=120. Acessado em 15/11/2016.
- MACHADO, K.; Carvalho, M. Invisibilidade, a maior das dores. In *Radis – Comunicação em Saúde*, n. 20, Fiocruz, BR, Abril/2004.
- OLIVEIRA, Regina M. S. *Identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles: recortes entre São Paulo e Paris*. Tese de Doutorado em Psicologia. PUC/SP e EHESS/Paris, 2008.
- _____. A formação do psicólogo nos contextos da diáspora africana. In: OLIVEIRA, R.M.S. e OLIVEIRA, R.J. (Orgs.). *Dilemas da raça: empoderamento e resistência*, Editora Alameda Casa Editorial: São Paulo, 2017.
- OLIVEIRA, Regina M.S e Oliveira, R. J. Psicologia, doença falciforme e Humanização no SUS: desafios para a formação. In: IVO, M.L. e Kikuchi, B.A., *Interdisciplinaridade na saúde: doença falciforme* (Orgs.). Editora UFMS: Campo Grande, 2016.
- SOUZA, Regina M. *Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões e contribuições da psicologia social e da psicanálise*. Dissertação de mestrado em psicologia. PUC/SP. São Paulo, 2003.
- THEODORO, M.(Org). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília: Ipea, 2008.